



A construção completiva com o volitivo *querer*

Fernanda Cunha Sousa (UFJF)
Nilza Barrozo Dias (UFF)

RESUMO: No presente artigo, abordamos a construção completiva com o volitivo *querer*, adotando os pressupostos teóricos funcionalistas. Analisamos o deslizamento de *querer*, com base em uma escala de valores semânticos e na mudança sintática da construção, explicadas a partir da teoria da gramaticalização. Acrescentamos à análise traços semânticos do sujeito gramatical da completiva. No que diz respeito ao *corpus* utilizado, trabalhamos com textos documentais (do século XII ao XXI), e com textos instrutivos do século XXI.
Palavras-chave: verbo *querer*; construções completivas; semântica; sintaxe.

Introdução

Este artigo traz uma abordagem das orações completivas com o verbo volitivo *querer*, construção¹ *querer* + V2², em uma análise pancrônica. Denominamos a oração com *querer* como oração matriz (conforme CASTILHO, 2010) e a oração que fica encaixada na função de complemento verbal como completiva. O verbo *querer* pode apresentar um elemento linguístico com núcleo verbal, à sua direita, com níveis de integração, que refletem uma escala que vai do oracional ao semiauxiliar.

Objetivamos estudar as construções completivas com *querer* + oração completiva, doravante V2, e suas possibilidades semântico-discursivas. Propomos uma tipologia, com base nos valores semânticos expressos pelas construções, destacando que a matriz *querer* “contamina” o V2 que a segue. Analisamos o controle exercido pelo sujeito da completiva, a realização modo-temporal (finita ou infinitiva) de V2, a fim de traçarmos diferentes estágios de encaixamento, de acordo com sua maior ou menor integração com o volitivo, e ainda a permanência das noções de projeção, futuridade e *irrealis* nas construções.

¹ Consideramos *construção* quando um par expressa a relação forma-significado de modo que alguns aspectos do primeiro ou do segundo item não são estritamente previsíveis a partir de peças que compõem essa estrutura ou de outras anteriormente estabelecidas (GOLDBERG, 1995), mas se instauram a partir do momento em que essas partes se unem.

² Adotamos a sigla V2 para indicar a ocorrência de *querer* seguido de um segundo verbo, seja como oração, como perífrase ou formando uma só unidade semântica com *querer*.

Pode-se observar que há um alto grau de correlação entre a relativa dependência do evento codificado como oração completiva em relação à cláusula com *querer* e o modo como o sujeito da oração completiva se manifesta, o tipo de tempo-aspecto, bem como a modalidade da completiva. O nível de integração da completiva na oração matriz, representado como uma estrutura única, ocorre no caso de V2 estar na forma não-finita; contudo, a relativa independência ocorre no caso de a completiva estar na forma finita com sujeito expresso. Neste caso específico, o falante não consegue manipular a situação descrita na completiva.

A análise empreendida se baseia nos pressupostos teóricos do Funcionalismo e da Teoria da Gramaticalização. A primeira seção compreende os pressupostos teóricos e a segunda seção, a metodologia. Teremos na terceira seção a análise de dados, seguida das conclusões e das referências bibliográficas.

1. Pressupostos Teóricos

De acordo com Heine (1993), há uma série de esquemas cognitivos capazes de gerar os auxiliares presentes nas línguas. Esses auxiliares descrevem determinadas noções como localização, movimento, atividade, desejo, etc. O esquema da volição que é expresso através do verbo *querer* permite o surgimento do *querer* com uso modal. Além do modal, o mesmo esquema permite o surgimento do *querer* como marcador discursivo diante de *dizer*: *quer dizer*. Em outras línguas, esse esquema gera auxiliares de tempo, como o verbo do inglês *will*, que passou a auxiliar de tempo futuro através desse esquema de volição.

Dentre os valores modais, a volição pode aparecer associada a outros valores semânticos próximos a ela. Pode-se constatar que valores como vontade, desejo, intenção, esperança e promessa estão muito próximos ou podem mesmo aparecer associados, pois designam algum tipo de intenção do usuário da língua em relação a um fato possível (CASIMIRO, 2007).

Palmer (1986), além das modalidades alética, epistêmica e deontica, acrescenta ainda o que ele chama de modalidades “temporal”, “bulomaica”, “avaliativa” e “causal”. A modalidade bulomaica é a modalidade relacionada ao desejo, denominada posteriormente de volitiva. Le Querler (1996, p. 41-42) fala em modalidade volitiva como aquela que marca a vontade do sujeito. Adotaremos aqui a volição como um tipo de modalidade, como observam Rescher (1968), Palmer (1986) e Le Querler (1996).

No português, de acordo com Casimiro (2007), a volição pode ser expressa por meio de itens lexicais (verbos, substantivos e adjetivos) ou gramaticais (morfemas de modo e de tempo), além dos modos subjuntivo e imperativo, e do tempo futuro – chamado de futuro volitivo por Lozano (1990)³. A volição, vista como uma noção modal, é expressa por verbos como *querer*, usados principalmente como semiauxiliares, em perífrases com o verbo principal no infinitivo, e também no subjuntivo (TRAVAGLIA, 1985, p. 314-316). A volição, portanto, pode ser expressa pela semântica dos verbos (volitivos) ou pela escolha modo-temporal (subjuntivo, imperativo e alguns tempos do indicativo, envolvendo a correlação verbal entre as partes da construção).

³ Ernesto Faria (1958, p. 383), ao tratar dos subjuntivos latinos, faz a seguinte observação: “o subjuntivo propriamente dito é empregado principalmente para exprimir a vontade, daí poder também ser denominado subjuntivo volitivo”.

No presente artigo, vamos nos ater ao estudo da volição através de verbos, mais especificamente o verbo *querer* nas construções completivas em que a oração encaixada funciona como objeto direto.

Para Cezario (2001, p. 10), os verbos volitivos estão dentro do grupo dos transitivos em português, relacionados à modalidade da vontade, quando expressam atitude subjetiva de vontade ou desejo. Segundo a autora, o sujeito desse tipo de verbo pode expressar, junto com a volição, a noção de manipulação, quando o complemento expressa um evento a ser desempenhado por outro sujeito manipulado.

É bom destacar que a semântica dos verbos volitivos envolve a noção de futuridade por expressar vontade, desejo de realizar algo que será futuro em relação à expressão dessa vontade. No entanto, segundo Cunha (1970), a futuridade dos volitivos se liga mais à modalidade do que à noção de futuro como recorte temporal propriamente dito. Bybee *et al* (1991) apontam que uma das possibilidades de gramaticalização de forma futurizada se assenta no valor de intenção como um grau médio de gramaticalização, enquanto os modais epistêmicos e os casos orientados para o falante evidenciam um grau mais avançado no processo de gramaticalização.

A futuridade ligada à modalidade volitiva nos leva à discussão sobre a noção de *irrealis*, também presente em *querer*. Além de esse verbo expressar *irrealis*, marca também comprometimento do usuário da língua em relação àquilo que deseja, por isso essa ação futura presente em V2 será perspectivizada como mais próxima do *realis*. Todavia, esse comprometimento e, conseqüentemente, a aproximação do *realis* terá variações de acordo com a configuração morfossintática e semântica expressa pelas construções.

A seguir, discutiremos alguns pressupostos teóricos sobre a conexão de orações, iniciando por Halliday (1994, p. 218). O autor considera que as sentenças formadas com mais de duas orações podem estar em uma relação paratática, hipotática ou de encaixamento. Para o autor, o encaixamento é um mecanismo através do qual uma oração ou um sintagma funciona como um constituinte dentro da estrutura de um grupo. A relação entre a oração encaixada e a oração matriz é indireta, com intermediação de um grupo. Assim, como a oração encaixada funciona na estrutura do grupo, o grupo funciona na estrutura da encaixada.

Para Lehmann (1988), a ligação entre cláusulas binárias pode ocorrer como “subordinação” verdadeira, quando há o encaixamento da oração completiva, selecionada pelo verbo da oração matriz, no nosso caso, o verbo *querer*. Para aferir o grau de entrelaçamento entre orações, o autor cita o compartilhamento de predicados, tempo, aspecto e agentes presentes. Em relação a tempo e aspecto, o autor argumenta que a oração matriz determina, até certo ponto, as características temporais e aspectuais da oração completiva, dentro do que o autor propõe como parâmetro de integração de orações: rebaixamento hierárquico da oração subordinada. Quanto mais as orações estiverem integradas, maiores as possibilidades de a oração matriz exercer influência sobre o tempo e o aspecto da oração encaixada. Quando menos integradas, teremos V2 nas formas finitas e iniciadas por conectivo, o que caracteriza outro parâmetro de Lehmann: explicitude de articulação.

É importante destacar que V2 apresenta condições para ocorrer, por exemplo, no modo subjuntivo ou na forma infinitiva, demonstrando a existência de exigências a serem satisfeitas para configurar uma *harmonia* sintática e semântica com a oração matriz *querer*. Podemos ligar essa observação às restrições presentes em nossos dados para a realização de V2 infinitivo, quando há coincidência de sujeitos (ou co-referencialidade de sujeitos) e com verbo no subjuntivo, quando não há essa coincidência. Diante de *querer*, V2 representa sempre uma

projeção/futuridade, um evento futuro em relação à expressão da volição, seja através do infinitivo, seja através do subjuntivo.

Essa restrição representa linguisticamente uma operação lógico-cognitiva que está na base do princípio de iconicidade – regente da organização dos enunciados – segundo o qual a representação linguística reflete a experiência conceptual dos usuários da língua (GONÇALVES *et alii*, 2008, p. 1071). A volição, portanto, implica projeção, que se verifica nas restrições sintático-semânticas para construções cuja porção predicadora envolva essa modalidade (como ocorre com *querer* na maioria das construções em estudo).

Assim, as construções completivas com verbo *querer* podem apresentar V2 na forma de infinitivo ou nas formas finitas de indicativo e subjuntivo. Nas formas finitas, temos a presença do sujeito gramatical da completiva que pode marcar um evento não manipulado pelo falante. Mas, nas formas infinitivas, o sujeito é correferencial, o que desencadeia uma leitura de estrutura semiauxiliar (TRAVAGLIA, 2007) do verbo *querer*, que desliza, então, de verbo pleno a verbo semiauxiliar modal em um claro processo de mudança linguística. Convém chamar a atenção para o fato de que os verbos, mesmo quando em usos semiauxiliares, mantêm ainda traços semânticos bastante próximos de seu uso como plenos. A cadeia proposta pelo autor – verbo pleno > forma perifrástica (verbos semiauxiliares / auxiliares) > marcador discursivo – nos ajuda a visualizar o estágio em que as diferentes construções encabeçadas por *querer* estão em relação ao uso deste como verbo pleno de que se originam e também em relação ao marcador discursivo para o qual algumas dessas construções caminham⁴.

Krug (2000, p. 146) aponta as principais forças motivadoras para a ascensão de *want to* a modal, dentre as quais vamos selecionar duas que, acreditamos, se apliquem também para demonstrar o uso de *querer* como auxiliar modal: (i) operações sintáticas: generalizações de complementos nominais para complementos infinitivos; e (ii) inferências pragmáticas: enriquecimento a partir de *sentir falta de* (provavelmente via *ter necessidade de*) para volição. O complemento infinitivo aparece, portanto, como fator determinante para a reanálise.

Cezario (2001) elenca as seguintes características das construções com verbos de modalidade: a) o verbo principal⁵ codifica “injeção”, terminação, persistência, sucesso, esforço, intenção, obrigação ou habilidade⁶ – comparado ao estado/evento do complemento; e b) o sujeito da cláusula principal⁷ é obrigatoriamente o mesmo da oração complemento⁸. Por esses critérios, somente as construções com infinitivo estariam sendo reanalisadas como semiauxiliares modais – em gramaticalização, portanto – embora não possamos negar que, nas encaixadas finitas, o volitivo também modalize vontade/desejo sobre a oração que o complemento, mesmo que em um estágio menos integrado.

Não podemos deixar de tecer algumas considerações acerca da gramaticalização, que é tradicionalmente considerada como um processo linguístico em que um item lexical se torna gramatical ou um item gramatical se torna mais gramatical ainda (HEINE *et al*, 1991; HEINE, 1993, TRAUGOTT, 1995; HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Para Heine (2008), temos quatro processos de gramaticalização: dessemantização, decategorização; cliticização e erosão. Na *dessemantização*, temos, em contextos específicos, um item lexical que é *esvaziado* de seu

⁴ Caminham para marcador discursivo as construções com V2 infinitivo *dizer*.

⁵ Chamado por nós de verbo da oração predicadora ou verbo predicador.

⁶ Terminologia conforme CEZARIO, 2001, p. 18.

⁷ Chamada por nós de oração predicadora.

⁸ Chamada por nós de V2 para englobar também as construções em que não se tem mais uma oração infinitiva.

sentido lexical e adquire função gramatical. Tomando como exemplo o caso específico dos verbos no início do processo, o sujeito é humano, o verbo expressa um conceito lexical e o complemento, um objeto concreto ou lugar. Em seguida, o complemento passa a designar situações dinâmicas e, por fim, o sujeito não mais é associado a referentes humanos, adquirindo o verbo função gramatical (HEINE, 1993, p. 54). Na *decatégorização*, as formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as características sintáticas de categorias plenas como nomes e verbos, e passam a assumir características de categorias secundárias como adjetivos, participípios, preposições, etc. Com a mudança de contexto lexical para gramatical, o verbo perde suas propriedades verbais, como a possibilidade de ser negado separadamente e de ocorrer em outras posições na sentença. Já o complemento perde suas propriedades nominais, como sua marca infinitiva. Travaglia (2007) considera que o português brasileiro não apresenta gramaticalização de verbos nos dois últimos estágios propostos por Heine (2008), que são *cliticização* e *erosão*.

É preciso esclarecer que, de acordo com Faria (1958, p. 418), na língua latina: “os principais verbos volitivos que se constroem com as orações infinitivas objetivas diretas são: *cogo, cupio, decerno, desidero, peto e expeto, impero, iubeo, opto e exopto, postulo, prohibeo, sino, studeo, uolo, malo e nolo, urgeo*”. *Quaero* (que dá origem morfofonológica ao *querer* do português) não está entre eles, apesar de Saraiva (1993) apontar um sentido possível como *aspirar a / desejar* para este verbo. O mais comum, com base em observação pessoal de texto latino de Plauto, é a volição ser expressa em latim pelo verbo *volo, vis, vult*, cuja ocorrência é muito mais frequente que a dos demais volitivos latinos apontados.

Segundo Krug (2000, p. 142), a noção de desejo, que consideramos como “fonte” na semântica de *querer*, surge a partir de *sentir falta de*. Ainda segundo o autor, na maioria dos casos, *desejar* e *sentir falta de algo* só se diferenciam pela extensão em que o usuário da língua se compromete com a declaração. Como a noção de necessidade estaria mais próxima de *sentir falta de* do que a noção de volição, propomos, a partir de Krug (2000) e com base nas pesquisas feitas sobre os sentidos possíveis para *querer*⁹ e para o verbo latino *quaero*¹⁰ (a partir do qual *querer* evolui morfológicamente¹¹), que o *continuum* semântico para se chegar à volição pode ser observado no quadro 1.

Sentir falta de → ter necessidade de → volição

Quadro 1: Proposta de *continuum* semântico para volição.

A partir da expressão do sentimento da falta de algo ou alguém, vem a expressão da necessidade de buscar aquilo de cuja falta se sente. A partir dessa busca, vem a expressão da vontade de ter algo (de que se sente falta), o que nos leva, pelo deslizamento semântico, à expressão da volição. Esses conceitos envolvidos na expressão dos verbos volitivos trazem consigo ainda a noção de futuridade. Por isso, a construção com *querer* instancia as referidas relações e bloqueia a atualização de aspecto.

Um fator resultante da generalização durante o processo de gramaticalização é o aumento da frequência do uso do item que passa por esse processo. Com o sentido generalizado, a

⁹ Dicionário português pesquisado: Borba (1991).

¹⁰ Dicionários latinos pesquisados: Faria (1958; 1967), Saraiva (1993).

¹¹ Dicionários etimológicos pesquisados: Bueno (1968), Ernout e Meillet (1951).

aplicação do item se estende a outros contextos, e ele passa a ser usado onde é altamente requerido pelo sentido que expressa e também em qualquer outro ambiente em que seu sentido seja compatível com o contexto.

Ao confrontarmos a base teórica com os resultados dos textos selecionados, podemos observar que os textos notariais apresentam uma variedade maior de tipos elencados para *querer*.

2. Metodologia

Por assumirmos uma proposta de trabalho funcionalista, nossas análises serão pautadas nos usos encontrados e, apesar de objetivarmos a análise qualitativa, recorreremos ao levantamento da frequência simples¹² de ocorrência de cada uma das construções em estudo, por considerarmos que a análise da frequência pode atuar como um subsídio importante para atestar/elucidar a gramaticalização em processo nas construções estudadas (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006). Esse levantamento de frequência também nos possibilitará identificar a forma prototípica¹³ para as construções com *querer* a partir da identificação dos traços morfossintáticos e semânticos mais recorrentes.

Por ser o verbo *querer* o mais frequente entre os volitivos inicialmente estudados – *querer*, *pretender* e *desejar* – na construção verbo volitivo + V2, consideramos que *querer* seja a forma prototípica, com base na frequência, para a expressão da volição, realizada sintaticamente como oração matriz + oração completiva. Cumpre-nos verificar, entre as construções com *querer* + V2, os diferentes valores semânticos de V1, o papel manipulativo do sujeito sobre o evento descrito na completiva e a correferencialidade modo-temporal, observada nas realizações finitas e infinitivas dos verbos utilizados na expressão do evento da completiva.

A análise sistemática de dados permitirá determinar em que estágio do processo de gramaticalização cada tipo de construção encontrada está, de acordo com as características selecionadas a partir dessa discussão inicial, as quais listamos a seguir:

- evolução semântica de *querer*;
- realização formal e diferentes valores semânticos apresentados por *querer* no Português;
- características argumentais do sujeito do volitivo;
- entrelaçamento de orações: correlação modo-temporal;
- relação entre os valores semânticos, características sintáticas do volitivo e estágios de gramaticalização.

Pretendemos observar o fenômeno em estudo afastando a interferência que o uso de textos muito diferentes poderia exercer sobre as ocorrências, enviesando os resultados da pesquisa. Por isso, controlaremos os dados trabalhando inicialmente somente com textos pertencentes ao

¹² Pretendemos, futuramente, dar continuidade ao estudo, aplicando ao sistema estatístico Golvarb os fatores levantados para análise dos dados.

¹³ Seguimos a noção de *protótipo* utilizada por Perini (1989, p. 70), que está vinculada à maior frequência de menção na gramática e no léxico.

mesmo domínio discursivo, o documental (argumentativo)¹⁴. A denominação do conjunto de textos documentais como parte de um “domínio discursivo” baseia-se em Marcuschi (2002, p. 23), que destaca, além de tipos e gêneros textuais, a proposta “domínio discursivo”. A análise será pancrônica, compondo, assim, uma explicação plausível da origem e deslizamento da construção com volitivo *querer*.

Optamos, inicialmente, por utilizar dados do *corpus* eletrônico CIPM (*Corpus Informatizado do Português Medieval*)¹⁵, que apresenta, separados por século, textos latino-romances do século IX ao século XII e textos portugueses do século XII ao século XVI, distribuídos em: notariais, crônicas e textos de prosa didático-moralista, já publicados ou fornecidos pelos próprios editores. Dentre eles, escolhemos trabalhar com os textos documentais (também chamados de notariais).

Esses textos são documentos oficiais, que contêm datação e assinatura oficial – testamentos, inventários e processos – e versam sobre assuntos de interesse público, como disputas de terra, heranças, decisões da Igreja. Nossa escolha se justifica porque, além de datados, os textos notariais aparecem em todos os séculos abrangidos pelo *corpus*.

Como o CIPM oferece-nos textos documentais somente até o século XVI, foi necessário acrescentar ao nosso *corpus* textos oriundos de bases de dados diferentes, mas ainda assim documentais. Como não localizamos outro *corpus on line* que apresentasse textos com esse perfil, foi necessário recorrer ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, onde se encontram catalogados textos de diversos séculos e em quantidade expressiva, para consulta presencial.

Foram feitas, então, várias visitas ao acervo do Arquivo Nacional para selecionar os documentos por século (do XVII ao XXI), escolhendo aqueles em bom estado de conservação a fim de obtermos registros fotográficos (com autorização do órgão) de melhor qualidade. Essa seleção viabilizou o trabalho de transcrição e digitação desses documentos para aplicação do parâmetro de contagem de palavras e busca do fenômeno em estudo através de recursos do programa de edição de *word*¹⁶. Esses documentos foram fotografados por Sousa (2011), transcritos e digitados por bolsistas voluntários de graduação dos cursos de Letras e Direito (UFG), Secretariado Executivo (UFV), História (UFRJ) e Biologia (UVA), de acordo com as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos.

Como elegemos, como parâmetro de quantidade de dados a serem analisados, o número total de palavras coletadas por século, é necessário explicar que foi preciso abrir uma exceção para esse parâmetro nos séculos XII e XVII, já que o número de ocorrências foi muito pequeno. Embora tenhamos recorrido ao banco de dados do Arquivo Nacional, dentro do domínio discursivo escolhido, não foi possível sanar a dificuldade. O século XX também apresentou um baixo número de ocorrências nos textos do Arquivo Nacional. Assim, recorreremos a outros bancos de dados para compor os séculos XX e XXI. Selecionamos, então, textos das Ações Penais da Vara Federal Criminal da Subseção Judiciária do Rio de Janeiro (esses processos também precisaram ser fotocopiados e digitados, o que foi feito por bolsistas voluntários) e recorreremos

¹⁴ Não foi feito o controle mais específico por gênero textual, pois tornaria ainda mais difícil o processo de levantamento de *corpus*. Em uma segunda etapa da pesquisa, precisamos incluir mais um domínio discursivo, conforme explicaremos melhor adiante.

¹⁵ Disponível em: <http://cipm.fsh.unl.pt/corpus>. Acesso em 15/10/09.

¹⁶ A julgar pela dificuldade que tivemos (e que acreditamos ser a mesma enfrentada por outros pesquisadores) na obtenção de *corpus* que abarcasse os séculos XVI a XXI, esse banco de dados será disponibilizado *on line*, assim que possível, para auxiliar novas pesquisas.

ainda ao *site* oficial do Supremo Tribunal Federal (setor de julgamentos históricos¹⁷) para completar os dados desses séculos, mantendo os parâmetros de número total de palavras e de domínio discursivo.

Desse modo, a composição do *corpus* documental ficou assim delineada: CIPM – séculos XII a XVI; Arquivo Nacional: séculos XV a XXI e Ações Penais da Vara Federal Criminal/RJ, séculos XX e XXI. A seguir, podemos observar o total de palavras por século, o número de ocorrências da construção e a porcentagem de ocorrências em relação ao total de palavras por século.

nº total de palavras por século	Século	nº de ocorrências de <i>querer</i> + V2 ¹⁸	% de ocorrências de <i>querer</i> em relação ao total de palavras por século
2429	XII	0	0
14282	XIII	35	0,24
14813	XIV	30	0,2
15148	XV	44	0,29
15759	XVI	54	0,34
8575	XVII	5	0,05
14899	XVIII	8	0,05
15558	XIX	7	0,04
14268	XX	7	0,04
14360	XXI	1	0,006
130091	Total	191	0,15

Quadro 2: Oração matriz com *querer* + V2 no *corpus* documental.

Como o Quadro 2 demonstra, a partir do século XVII, as ocorrências de *querer* + V2 começam a declinar e há apenas uma ocorrência no século XXI¹⁹. Por isso, a fim de melhor estudar essa construção em textos escritos do século XXI, compusemos um segundo *corpus* exclusivamente com textos da Revista *Você SA* coletados durante o ano de 2008. A escolha dessa revista justifica-se por tratar-se de uma publicação voltada para um público com alta escolaridade (administradores de diversas áreas), mas que não deixa de ter um caráter um pouco mais informal por apresentar várias seções de dicas e conselhos de como os leitores devem administrar seu dinheiro e sua carreira, o que possibilita o aparecimento das construções em estudo. Os textos desse segundo *corpus* enquadram-se no que denominamos de domínio discursivo instrutivo (conforme SOUSA, 2011).

¹⁷ Disponível em: <http://www.stf.jus.br>. Acesso em 15 de maio de 2011.

¹⁸ Considerando juntos, neste momento, todos os tipos de ocorrência de V2.

¹⁹ Consideramos que o número reduzido de ocorrências se deva ao do fato de que, com o passar do tempo, os textos documentais passam a ser escritos em uma variedade cada vez mais culta (graças à difusão da escolarização no Brasil), distanciando-se cada vez mais da variante informal, o que entendemos que dificulte o aparecimento de construções que revelem desejos, vontades pessoais de um indivíduo, como as estudadas.

nº total de palavras	nº de ocorrências de <i>querer</i> + V2	% de ocorrências de <i>querer</i> em relação ao total de palavras
130091	149	0,11

Quadro 3: Oração matriz com *querer* + V2 no *corpus* instrutivo, Revista *Você SA*.

Ficamos, portanto, com dois *corpora*: *corpus* 1, composto por textos do domínio discursivo documental, produzidos entre os séculos XII e XXI; e *corpus* 2, composto por textos da Revista *Você SA*, durante o ano de 2008.

3. Análise de dados

Com base na análise dos dados coletados, observamos que o verbo volitivo *querer* apresenta-se com diferentes sentidos no português a partir de um sentido fonte de *buscar e procurar* (encontrado no latim). O sentido volitivo leva à leitura de projeção e futuridade no espaço e no tempo. Assim, da projeção de um desejo passa-se para a introdução da noção de futuro próximo no tempo e chega-se à projeção e futuridade no texto. Inclui-se finalmente o desbotamento semântico com associação de valores pragmáticos.

Caminho semântico de gramaticalização

buscar, procurar > introdutor de volição > introdutor de futuro próximo > introdutor de avaliação/conclusão > marcador discursivo

Quadro 4: Proposta de deslizamento da construção com *querer*.

Podemos observar, a seguir, exemplos de mudança linguística operada na construção com *querer*, *corpus* documental em 3.1 e *corpus* instrutivo em 3.2, a partir da proposta do Quadro 4. As acepções de *buscar* e *procurar* são encontradas no latim e no português atual com objeto direto não oracional.

3.1. Valores semânticos de *querer* + V2 em textos do *corpus* documental

A construção com *querer*, nos dados documentais, apresenta maior variedade de tipos. Observaremos os tipos encontrados na análise dos textos: 1, 2 e 4, abaixo exemplificados²⁰.

Querer 1: Introdutor de vontade/desejo com matiz de futuridade, em construções completivas com V2, que ocorrem desde o século XIII, conforme exemplos a seguir.

²⁰ *Querer* 3: Introdutor de avaliação/ conclusão, em construções completivas com V2, aparece somente no português do século XXI, por isso não há análise de exemplos nessa seção.

- (01) E se p(er) ventura meu padre do~ Affonsso **q(ui)ser** vijr ((L014)) co~tra esta ma~da Rogollj por deus q(ue) leyxe A san Johan(e) da pendorada (e) ((L015)) Ao Moesteyro de eygrejoo Jsto q(ue) lles eu ma~do. (*Corpus documental*, séc. XIII)

O exemplo (01) apresenta uma construção de *querer* com V2 na forma infinitiva, com V1 e V2 compartilhando o mesmo sujeito. Assim como no exemplo (01), *querer* desliza de verbo pleno a semiauxiliar modal em um processo de mudança linguística, mas sem perder totalmente suas características semânticas de expressão de vontade/desejo. O sujeito tem mais controle sobre aquilo que deseja, pois é também o responsável pela realização desse desejo (*de vijr co~tra esta*).

- (02) (e) que acrecentarja majs duas g(alinha)s sobre oyto cruzad(os) que dant(e)s pagaua (e) como ((L017)) **q(ue)r** q(ue) o di(c)to foro p(er)tença aa di(c)ta dona m(aria) e~ sua vida dis(er)om que as ditas Cassas era~ ((L018)) do di(c)to moest(eiro) (*Corpus documental*, séc. XVI)

Já o exemplo (02) apresenta *querer* com V2 finito, pois o sujeito de V1 não é o mesmo de V2. Assim como ocorreu no exemplo (02), *querer* está no presente do indicativo e, por isso, a flexão modo-temporal de V2 fica restrita ao presente do subjuntivo. O volitivo não desliza de verbo pleno a verbo semiauxiliar modal, mas, mesmo assim, expressa a vontade/desejo do falante sobre algo que outro agente deve realizar, embora com menos controle sobre aquilo que deseja, pois não é o responsável pela realização desse desejo (*de q(ue) o di(c)to foro p(er)tença aa di(c)ta dona m(aria)*).

Querer 2: Introdutor de vontade, desejo, com matiz semântico de polidez.

- (03) Os Srs. Peritos **queiram** extrair o auto de pagamento fei-/ to aos Herdeiros[?] Reverend s[?] Padres[?] do Carmo e, tambem[?], a sentença que/ julgou a partilha em 5-11-1616. (*Corpus documental*, séc. XX)

O exemplo (03), assim como o exemplo (01) (com *querer 1*), apresenta uma construção de *querer* com V2 na forma infinitiva, com V1 e V2 compartilhando o mesmo sujeito. *Querer 2* tem características semânticas muito próximas de *querer 1* – de expressar vontade/desejo, mas traz também uma ordem revestida de polidez, pois ocorre em contextos que envolvem uma relação hierárquica entre aquele que expressa o desejo (superior), neste exemplo o juiz que emite a ordem, e aquele que o realizará (inferior), os peritos. Assim como no exemplo (01), *querer* desliza de verbo pleno a semiauxiliar modal em um processo de mudança linguística, sem perder suas características semânticas de expressão de vontade/desejo, embora agregue um novo matiz de polidez à ordem de extração do auto de pagamento feito aos herdeiros. O juiz tem algum controle sobre aquilo que deseja, mesmo que não seja o responsável pela realização desse desejo, em função de sua posição hierárquica em relação àquele que realizará a ação.

Querer 4: Introdutor de referência indeterminada, por indicar indefinição acerca da porção oracional que lhe segue.

- (04) E prometem(os) nos e obligam(os) nos e u ((L032)) Moesteiru de Pedroso aue´r firme e´ estauil q(ue) **quer** ((L033)) que feito fur nas cousas de susu nomeadas per esse ((L034)) nossu p(ro)c(ur)adu´r ou per aq(ue)le ou aq(ue)les a qual ous quaes ((L035)) p(ro)c(ur)adu´r ou p(ro)c(ur)adures fezer en seu loga´r. (*Corpus documental*, séc. XIII)
- (05) nem cousa algua deste prazo fazer sem consentim(ento) dos dit(os) ((L012)) p(ri)or (e) (con)ue~to, os q(ua)ees por seus d(e)rr(ei)t(os) possam penhorar (e) ma~dar penhorar em q(ua)eesq(ue)r bees dos dit(os) emprazadores honde **q(ue)r** ((L013)) q(ue) forem achad(os) (*Corpus documental*, séc. XV).
- (06) nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffemderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembarguado de quem **q(ue)r** q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser (*Corpus documental*, séc. XVI)

A partir dos exemplos (04), (05) e (06), observamos que a construção com *querer* arrolada como tipo 4 aproxima-se, de fato, de uma expressão nominalizada, uma lexicalização, em que *querer* ocorre como uma das partes da construção. Neste caso, o volitivo se afasta de seu traço primário de volição e a estrutura nominalizada (*o que, onde* ou *quem*, + *querer*) pode ser reanalisada semanticamente como uma expressão de indeterminação em relação à porção de informação que lhe segue, iniciada formalmente com a partícula *que* (...) + V2 (exemplo (04): ***que* feito fur**; exemplo (05): ***q(ue) forem achad(os)***; exemplo (06): ***q(ue) lhe (...)* embargo ou empedym(ento) puser**). Nesses casos, a estrutura com *querer* pode ser reanalisada sintaticamente não mais como oração matriz, mas como uma expressão nominalizada. Temos, então, a gramaticalização da estrutura com *querer* e a decategorização de *que* + V2, que sofre uma reanálise sintática decorrente do enfraquecimento dos traços oracionais e passa a ser o núcleo informacional sobre o qual a estrutura nominalizada age, modalizando a informação. Podemos ainda verificar que a estrutura com *querer* aproxima-se de uma expressão nominal como: *qualquer coisa, lugar ou pessoa que* (...). Esse afastamento das características semânticas volitivas próprias do verbo *querer* leva-nos, então, a uma leitura de indeterminação.

Assim, no exemplo (04), *querer* participa da porção que comporá o sujeito da construção passiva: *feito fur*. Aproxima-se, portanto de: *qualquer coisa que for feita*. No exemplo (05), *querer* forma, junto com *honde*, a expressão locativa (com expressão adverbial) que acompanha a informação: mandar penhorar em quaisquer bens dos ditos emprazadores que forem achados em qualquer lugar (*honde q(ue)r q(ue)*); e em (06), *querer* participa da porção que comporá o sujeito da construção ativa: *algu~u embargo ou empedym(ento) puser*; aproxima-se portanto de: qualquer pessoa que *lhe sobre elle (...)* embargo ou empedym(ento) puser.

Autores como Neves (2000, p. 1039) e Dias (1954, p. 375) classificam construções como *quem quer que* e *o que quer que* como locuções pronominais indefinidas. Propomos que as estruturas em foco se alinham com as locuções indefinidas pelos valores que assumem, mas de matriz mais adverbial. Para Walberg (1938, p. 186), essas construções são “uma classe especial de

termos indefinidos” que o autor vincula, nas línguas românicas especificamente, aos verbos que exprimem as ideias de *ser* e *desejar*, derivadas de *volere* e *quaerere* latinos.

Esses percursos abordados para o valor semântico que o volitivo possa agregar à construção de que faz parte nos levam a propor também o seguinte caminho de mudança percorrido pelas construções com verbo *querer*.

Oração matriz (verbo pleno) > perífrase verbal (verbo auxiliar) > marcador discursivo > nominalização

Quadro 5: Mudança percorrida pela construção com *querer*.

3.2. Valores semânticos de *querer* + V2 no corpus instrutivo

A construção com verbo *querer* + V2 é encontrada como *querer* 1 e *querer* 3, no corpus instrutivo, conforme pode ser observado a seguir. A fonte, *quaero*, expressa acepções de *buscar* e *procurar*. Não nos aprofundamos neste tipo de ocorrência, por não ser constituído de V2.

Querer 2 (introdutor de vontade, desejo, com matiz semântico de polidez) só foi encontrado no corpus documental.

Querer 1: Introdutor de vontade, desejo com matiz de futuridade, em construções completivas com V2 (tanto na forma finita quanto infinitiva), que ocorrem desde o século XIII, conforme exemplos a seguir.

- (07) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (*Veja entrevista nesta reportagem*), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. (*Corpus* instrutivo, séc. XXI)

O exemplo (07) apresenta uma construção de *querer* com V2 na forma infinitiva, pois o sujeito de V1 é o mesmo de V2. *Querer* desliza, então, de verbo pleno a verbo semiauxiliar modal em um processo de mudança linguística, mas sem perder totalmente suas características semânticas de expressão de vontade/desejo. Em casos como esse, o sujeito tem mais controle sobre aquilo que deseja, pois é também o responsável pela realização desse desejo, o de evoluir na carreira.

- (08) Se a pessoa realmente quisesse a sua presença, teria lhe dado um convite nominal. E, para não ser protagonista dessa ação, lembre que convite é para ser entregue a pessoas que **queremos** que estejam presentes no nosso evento e, de preferência, entregues em mãos. (*Corpus* instrutivo, séc. XXI)

Já o exemplo (08) apresenta uma construção de *querer* com V2 na forma finita, pois o sujeito de V1 não é o mesmo de V2. *Querer* no presente do indicativo restringe a possibilidade de flexão modo-temporal de V2 ao presente do subjuntivo. O volitivo não desliza de verbo pleno a semiauxiliar modal, como no exemplo anterior, mas não há como negar que expressa a vontade/desejo do falante sobre algo que outro agente deve realizar, embora com menos controle sobre aquilo que deseja. Neste exemplo, o falante não é o responsável pela execução do seu

desejo: que os convidados estejam presentes e entreguem os convites, e ninguém pode garantir que os convidados atendam ao seu desejo, embora sua vontade seja expressa pelo uso de *queremos*.

Querer 3: Introdutor de avaliação/conclusão, em construções completivas com V2, encontrado somente no português do século XXI, conforme exemplo a seguir.

- (09) É que uma das principais agências de classificação de risco do mundo, a Standard & Poor's, elevou, no dia 30 de abril, a nota para investimentos no Brasil, o que **quer** dizer que mais estrangeiros, inclusive os grandes fundos de outros países, poderão colocar dinheiro em ações. (*Corpus* instrutivo, séc. XXI)

O exemplo (09) traz uma construção de *querer* com V2 na forma infinitiva, protanto, com mesmo sujeito para V1 e V2. *Querer* forma com *dizer* um novo sentido, altamente dependente da presença desse V2 específico, sempre no infinitivo, o que nos leva a considerar que essa significação deva ser atribuída, na verdade, ao complexo *quer + dizer*. A noção de volição não está explícita na construção, mas pode ser inferida pelo contexto. Expressa-se por essa construção uma vontade/desejo de que se sustente determinado ponto de vista. A projeção e a futuridade também são inferidas, pois o que era projeção no tempo e no espaço passa à projeção no texto, já que essa construção anuncia uma conclusão ou sustentação de argumentação que se seguirá.

Não foram encontradas ocorrências do marcador discursivo *quer dizer*²¹, talvez devido ao próprio gênero textual selecionado para o trabalho, o gênero notarial.

3.3. As construções completivas com o volitivo *querer*: sujeito gramatical [±experienciador] e [±animado] e correferencialidade modo-temporal

O verbo *querer* pode selecionar, na função de complemento verbal, um objeto direto oracional, que é o nosso foco de interesse, como V2. Este pode realizar-se nas formas: (i) não finitas de infinitivo e (ii) nas finitas de indicativo e subjuntivo. Nas formas finitas, o V2 apresentará um sujeito gramatical que torna o evento da completiva mais independente e fora da manipulação do falante. Já na forma de infinitivo, o sujeito gramatical de V2 é o mesmo do verbo *querer*, o que o torna totalmente dependente de V1, no que diz respeito ao manipulador, às indicações de tempo e modo.

Givón (1990) propõe que, na passagem de um verbo pleno a auxiliar, ocorre a reanálise, porque o sujeito da oração predicadora é o mesmo da cláusula encaixada, possibilitando total controle do sujeito de *a* sobre o sujeito de *b*. O sujeito de *a* geralmente é o agente ou influenciador do processo de *b*. Além disso, a cláusula *b* não tem marcas modo-temporais, número-pessoais, não possui sujeito formal e, muitas vezes, não pode ser negada separadamente. Essas características de *b* tornam a construção com verbo no gerúndio ou no infinitivo uma estrutura não clausal e o usuário aproxima *b* de *a* para que V2 tome da predicadora as características clausais. Ocorre, desta forma, a reanálise; as duas cláusulas tornam-se uma

²¹ *Depois daquele dia, nunca mais me procurou na cama. Quer dizer, fora das crises ele é normal, não é nenhum louco.* (BORBA, 1991, p. 1310)

locução. Podemos assumir, com base em Travaglia (2007), que no caso de V2 estar no infinitivo, encontramos uma função semiauxiliar de *querer*, que mantém ainda características de verbo volitivo.

Com base nas características da finitude ou não-finitude de V2, é conveniente destacar o papel do sujeito gramatical da completiva. Cezario (2001) coloca que o volitivo *querer* é manipulativo quando apresenta sujeitos diferentes para *querer* e V2. Vamos encontrar a expressão de uma vontade do sujeito de *querer*, que é experienciador dessa vontade, sem menção à manipulação sobre a outra pessoa que realizaria a vontade expressa. Nesse caso, o falante é volitivo e se empenhará para que o desejo se realize. Essa vontade incide ainda sobre outro sujeito, que será quem efetivamente realizará a vontade expressa pelo sujeito/falante de *querer*. Neste caso, o sujeito do volitivo não pode dar tantas garantias de que a ação de V2 se cumpra quanto pode dar se ele mesmo for o agente do evento descrito.

O verbo *querer*, em seu uso pleno (com complemento nominal e sentido de *desejar*, *pretender* – volição), parece aceitar somente sujeito [+ experienciador]²² e [+ animado] (experimentador para BORBA, 1991, p. 1084), mas essa restrição parece não se verificar quando o verbo é usado como semiauxiliar modal – quando *querer* apresenta complemento V2, pois, nesses casos, passa a aceitar também sujeito [- experienciador] e [- animado]. Assim, podemos encontrar usos que se aproximam em maior ou menor grau a suas características como verbo pleno (sentido de *desejar*, *pretender*, com sujeito experienciador): quanto mais próximos dessas características, menos gramaticalizados; quanto mais distantes, mais gramaticalizados.

No exemplo (10), *querer* mantém relação com seus valores semânticos “fontes” de expressão de desejo, vontade, com matiz de futuridade e com sujeito [+ experienciador] e [+ animado], classificado por nós como *querer* 1. A construção encabeçada por esse verbo é, portanto, menos gramaticalizada.

- (10) Osias tem 300000 reais aplicados em Certificado de Depósito Bancário (CDB) e **quer** fazer uma poupança para financiar a construção da casa, pagar um intercâmbio para a filha de 11 anos daqui a cinco anos e se preparar para custear os estudos da outra filha, de 1 ano. (*Corpus* instrutivo, séc. XXI)

No exemplo (11), *querer* ocorre com sujeito [- experienciador] e [- animado], mas ainda assim mantém relação com suas características como verbo pleno, porém não tão próximas quanto àquelas no exemplo anterior, pois mescla a expressão de desejo e vontade à polidez, por isso classificado por nós como *querer* 2.

- (11) que no~ SeJa das que o d(e)r(ei)to defende; mas SeJa tal que ((L046)) cunpra (e) goarde todas as ditas condiço~ees (e) lh(e) pague~ dello a quore~tena ((L047)) s(segundo) o d(e)r(ei)to **q(ue)r** , (*Corpus* documental, séc. XVI)

O sentido em (11) parece configurar um eufemismo com a escolha lexical de *querer*, quando, na verdade, o direito manda, exige, regulamenta. Não podemos ignorar também o fato de esse sujeito explicitado consistir, na verdade, em uma metonímia (*direito* representa aqui as

²² Borba (1991, p. 1084) aponta um uso possível com sujeito inativo, com sentido de ter necessidade de, exigir: *Lá está o pássaro mecânico querendo gente com vísceras vivas; o assado de porco quer uma rodela de limão.*

peças que trabalham no cumprimento da lei), o que também contribui para a manutenção da relação de proximidade das características de *querer* com seu uso como verbo pleno (portador de sujeito + animado), mas não tão próxima quanto se explicitasse o próprio sujeito agente [+animado].

Outra situação que deixaria o sujeito da oração em uma posição intermediária entre [+animado] e [-animado] seria o fato de ser o que chamamos de sujeito semanticamente esvaziado, como no exemplo (12), a seguir.

- (12) Mari~as ((L008)) Et de post u(est)ra morte. (e) de u(est)ra. Mulier. (e) de u(est)ris fili'j's. Deue a ficar. ip(s)as Mari~as. q(ui)tes (e) liberis. ad ordine ((L009)) de Donas de achellas. (e) in pace. et isti (con)uene~te. deue a' a'ndar Antre. nos. (e) uos. A bona fe. lealme~te ((L010)) Et que~ **quer**. que este (con)uene~te. falecer Anter nos (e) uos. pecte ad alia p(ar)te. quinge~tos. solidos. (*Corpus* documental, séc. XIII)

Em (12), (que~) refere-se ao sujeito gramatical [+animado], mas forma com o verbo *querer* um sentido único próximo de “qualquer um que”. Neste caso, o verbo distancia-se mais de suas características como verbo pleno. Este tipo de ocorrência só foi encontrado no *corpus* documental. O volitivo tem seu sujeito gramatical preenchido por uma expressão que forma, na verdade, uma estrutura de indeterminação do sujeito de *falecer*. Assemelha-se aos exemplos (07), (08) e (09), em que a classificação de [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] para os sujeitos: *q(ue)*; *honde* e *q(ua)ndo*, respectivamente, não se aplica, pois não são verdadeiramente sujeitos, embora preencham a posição sintática de tal função.

Observamos, portanto, que também essa característica do sujeito como [\pm experienciador] e [\pm animado] está ligada à semântica apresentada pelo verbo em cada construção, pois a oscilação entre [\pm experienciador] e [\pm animado] e os exemplos em que esse fator não se aplica só se apresentam diante de *querer* 4. Por isso, dividimos, a seguir, as frequências de ocorrências de acordo com as suas características de sujeito [\pm experienciador] e [\pm animado] subdivididas em grupos de acordo com o tipo de V2: infinitivo, na Tabela 1; finito, na Tabela 2²³.

Constr. com V2 infinitivo	SÉCULO																Total de cada tipo de ocorrência
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	
+ exper.	29	97	27	100	30	94	37	86	3	75	4	50	4	80	8	100	143
- exper.	1	3	0	0	0	0	0	0	1	25	4	50	1	20	0	0	7
+/- exper.	0	0	0	0	2	6	7	14	0	0	0	0	0	0	0	0	9
Total	30	100	27	100	32	100	44	100	4	100	8	100	5	100	8	100	159

Tabela 1: Sujeito [\pm experienciador] e [\pm animado] diante de V2 infinitivo – *Corpus* documental.

²³ Não abordaremos os casos de não explicitude de V2, conforme apontado por Cunha (2011).

Constr. com V2 infinitivo	<i>Corpus da Você SA</i>	
Características do sujeito	Total de ocorrências	% de cada tipo de ocorrência
+ exp.	135	89,4
- exp.	8	5,3
+/- exp.	8	5,3
Total	151	100

Tabela 2: Sujeito [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] diante de V2 infinitivo – *Corpus* instrutivo.

Entre as construções com V2 infinitivo, a maioria das ocorrências é de sujeito [+ experienciador], que, no *corpus* documental, varia entre 50 e 100% e no *corpus* instrutivo, fica com 89,4%. O sujeito classificado como [- experienciador] aparece como o segundo mais frequente em ambos os *corpora*: no documental, entre 50 e 20%, e no instrutivo com 5,3%. O sujeito [± experienciador] fica com o menor número de ocorrências, entre 14 e 6%, no *corpus* documental, e 5,3% no *corpus* instrutivo. Podemos dizer, então, que a forma prototípica para construções com *querer* + V2 infinitivo seja com sujeito [+ experienciador].

Compl. Finita	SÉCULOS																		Total de cada tipo de ocorrência		
	Tipo de Sujeito	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI		%	
+ exper.	1	100	1	100	3	60	2	43	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	0	9	
- exper.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
+/- exper.	0	0	0	0	2	40	3	57	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	
Total	1	100	1	100	5	100	5	100	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	0	14	

Tabela 3: Sujeito [± experienciador] e [± animado] nas encaixadas finitas – *Corpus* documental.

Enc. finita	<i>Você SA</i>	
Tipo de sujeito	Total	% de ocorrências
+ exp.	9	90
- exp.	0	0
[± exp]	1	10
Total	10	100

Tabela 4: Sujeito [± experienciador] e [±animado] nas encaixadas finitas – *Corpus* instrutivo.

Entre as construções com encaixada finita, a maioria das ocorrências também é de sujeito [+ experienciador], que, no *corpus* documental, varia entre 60 e 100%, com exceção do século XVI, quando fica com 43% contra 57% de sujeito [± experienciador]. No *corpus* instrutivo, o sujeito [+ experienciador] fica com 90%. O sujeito classificado como [-experienciador] não aparece nos *corpora* estudados. O sujeito [± experienciador] aparece somente nos séculos XV e XVI: com 40% e 57% das ocorrências respectivamente, o que propomos que seja um eviesamento provocado pelo baixo número de ocorrências. Já no *corpus* instrutivo, aparece em apenas uma ocorrência, que representa 9,1%. Podemos dizer, então, que a forma prototípica para construções com *querer* + V2 também seja com sujeito [+ experienciador], embora, nestas construções, também sejam possíveis as construções com sujeito [± experienciador], mais gramaticalizadas. Já a construção com sujeito [- experienciador] não está em processo de gramaticalização diante de encaixadas finitas, pois ocorrências assim não foram encontradas.

Conclusões parciais

As diferentes construções com o volitivo em estudo podem ser descritas de acordo com as diferentes semânticas e configurações morfossintáticas encontradas. Portanto, os graus de integração sintática entre as cláusulas são a expressão gramatical dos níveis de vinculação semântica entre a matriz *querer* e o evento expresso pela completiva. Os graus maiores de integração estão nas chamadas colexicalizações, locuções envolvendo verbos, cujos componentes perdem inteiramente seu valor referencial, para, juntos, assumirem um novo valor como expressão cristalizada (LONGO, 1999, p. 38).

Esse isomorfismo entre semântica e sintaxe foi verificado em nossos dados. A construção inteira, e não apenas o significado lexical de um item, é precursora do sentido gramatical e lexicalmente construído. E todo o processo começa pela semântica: é ela que influi nas configurações morfossintáticas que os verbos apresentam nas construções, pois quando *querer* tem enfraquecidas suas características como volitivo – assumindo outras funções e sentidos nas construções em que é utilizado, já aponta para um processo de integração (e colexicalizações) em andamento, embora nosso *corpus* não chegue a apresentar exemplos de graus mais avançados de integração (como o caso do marcador discursivo), que acreditamos que estejam ainda restritos a contextos orais.

Mesmo não tendo sido observados processos mais avançados de gramaticalização, foi registrada, em função da alta frequência, a reanálise de *querer* diante de V2 infinitivo e de construções com falso encaixamento. Verificamos ainda, dentro de um mesmo grupo sintático, diferentes níveis de integração e, portanto, de reanálise. Diante de V2 infinitivo *dizer*, deixamos de ter uma locução verbal e passamos a ter uma função gramatical, atuando como uma fórmula para o usuário da língua se corrigir ou explicar melhor o que havia dito, isto é, um estágio mais avançado do que foi encontrado para os demais casos de V2 infinitivo.

Diante dos demais complementos infinitivos (excluindo-se a expressão com *dizer*), não foi registrado o nível mais avançado de reanálise, mas podemos dizer que o volitivo tem deixado de ser analisado como verbo da oração matriz *querer* e passou a exercer função de semiauxiliar modal, expressando as noções de volição, projeção, futuridade e *irrealis* em relação ao que se expressa em V2. Nesse tipo de construção, há a expressão de um desejo, que chamamos de mais abstrato em relação a seu uso diante de V2 finito.

A maioria das características verificadas vinculou-se à oposição entre encaixadas infinitivas e finitas. À parte dessa distinção binária, ficou o *querer* 4, que não se encaixava em nenhum dos dois grupos; e *querer* 3, que já se mostra mais fundido que as demais construções infinitivas, pois *querer* e *dizer* juntos aproximam-se do sentido de um só verbo, representando um só evento (próximo da ideia de *significar*) por uma perífrase. O que observamos é que as encaixadas infinitivas apresentaram maior possibilidade semântica para seu volitivo, desde a considerada mais antiga na língua (tipo 1), passando pelo tipo 2 até a mais distante dentro desse tipo de construção (tipo 3), pois já se mostra fundida. Já as encaixadas finitas apresentaram restrição de ordem semântica, pois somente apresentaram *querer* 1, o que as reforça como estruturas menos gramaticalizadas dentre os grupos estudados.

A conclusão a que chegamos é de que *querer* 1 diante de encaixada infinitiva apresenta-se como semiauxiliar modal, já que tem alta integração entre as partes sintáticas da construção, forte expressão de *irrealis* com aproximação do *realis*, volição, projeção, futuridade, que “contaminam” com essas características todas as informações que lhes seguem. *Querer* 4, considerada a forma mais gramaticalizada, está também em processo mais avançado de reanálise, pois apresenta, entre os tipos de *querer*, a persistência mais fraca de valor semântico. Podemos pensar na dessentencialização quase total de uma das partes de sua construção, pelo fato de que o volitivo deixa de se comportar como verbo e passa a ter um comportamento morfossintático que podemos chamar de nominal.

A integração entre semântica e morfossintaxe defendida nesta análise vai ao encontro das propostas de Kiparsky & Kiparsky (1970) sobre a relação entre o arranjo sintático e as propriedades semânticas dos verbos completáveis por orações e a ligação com motivações pragmáticas e de entrecruzamento entre o eixo tático (de interdependência) e o eixo semântico-funcional (de relação entre processos) de Halliday (1994), através da observação de diferentes possibilidades de relacionamento entre os elementos que fazem parte das construções, como foi observado nos exemplos analisados.

The completive construction with the volitional verb *querer* (to want)

ABSTRACT: In this paper, we investigate the completive clauses with the volitional verb *querer* (to want), adopting the functionalist theoretical framework. The constructions attested for the verb *querer* (to want) are analyzed, based on a set of semantic values and on the syntactic modifications the constructions exhibit, which are explained by the Grammaticalization Theory. Additionally, the semantic characteristics of the subjects of the completive clauses are also analyzed. The data is taken from a corpus composed of documentary texts (12th century to the 21st century), and instructive texts (21st century).

Keywords: volitional verb *querer* (to want); completive constructions; semantic; syntax.

REFERÊNCIAS

BORBA, Francisco da S. *Dicionário gramatical de verbos*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: BRIAN, J. D., JANDA, R. D. (eds). *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.

_____; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of Grammar. Tense, aspect and modality in the languages of the word*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

_____; PAGLIUCA, William. *Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning*. In: Fisiak, 1985, pp. 59-83.

_____; PAGLIUCA, William; PERKINS, Revere. Back to the future. In: TRAUGOTT & HEINE, 1991, 2, pp. 17-58.

CARDOSO, Isabella Tardin. *Estico, de Plauto*. Introdução, tradução e notas. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

CASIMIRO, Sérgio. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2007.

CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1970.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de usos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. (2006-) *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>> Acesso em: 11 maio 2009.

DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 4ª ed. Lisboa: Clássica Editora, 1954.

ERNOUT, A. S.; MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1951.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

GIVÓN, T. *Syntax. A Functional-Typological Introduction*, volume 2. Amsterdam: Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: the University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Sebastião C. L.; SOUSA, Gisele C. de; CASSEB-GALVÃO, Vânia C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. de M.; ILARI, R. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. V. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, pp. 1021-1084.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. Second Edition, 1994.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH & JANDA (editors). *The handbook of Historical Linguistics*. London. Blackwell. (2003). 2008.

_____. *Auxiliares – cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford: Oxford University Press, 1993.

_____; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

_____; et alii. From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 149-187.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KIPARSKY, Paul & KIPARSKY, Carol. Fact. In: D. Steinberg, L. Jakobovits (Eds.), *Semantics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1970, pp. 345-369.

KRUG, Manfred G., *Emerging English modals: a corpus-based study of grammaticalization*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2000 (1966).

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LE QUERLER, Nicole. *Typologie des modalités*. Caen, Presses Universitaires de Caen, 1996.

LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. Perífrases temporais no português falado. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, *Veredas*. v. 2, n. 2, pp. 09-24, jul./dez. 1998.

LOZANO, A. G. *The Spanish Imperative and Deontic Utterances in Literary Passages*. *Hispania*, 73 (4), p. 1118-1123, 1990.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A.R., BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.p.19-36.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

- _____. *A gramática funcional*. Campinas: Martins Fontes, 1997.
- PALMER, F. R. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.
- PERINI, Mário A. *Sintaxe: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- RESCHER, Rescher, N. *Topics in Philosophical Logic*. Dordrecht: Reidel, 1968.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10ª edição. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.
- SOUSA, Fernanda Cunha. *Volição, futuridade, irrealis: gramaticalização nas construções com o verbo querer*. 2011. 215 ff. Tese de doutorado (Linguística). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.
- TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalisation. In: STEIN, Dieter & WRIGHT, Susan (eds.) *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da ABRALIN*, vol VI, n. 1, pp. 09-60, jan./jun. 2007.
- _____. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Ed ver. Uberlândia: Universidade Federal e Uberlândia, 1985.
- VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 9, n. 18, 2006.
- WALBERG, Mélanges E. Une classe spéciale de termes indéfinis dans les langues romanes. *Studia Neophilologica XI*, pp. 186-209, 1938.

Data de envio: 16/10/2013

Data de aceite: 10/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014